



DA NARRATIVA ORAL À REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO

Maria Odaisa Espinheiro de Oliveira

Universidade Federal do Pará, Cidade Universitária José da Silveira Netto
Av. Augusto Corrêa, n. 1 CEP 66.075110 ,Brasil
odaisa@ufpa.br

RESUMO

O trabalho mostra o entendimento da narrativa oral e sua importância como meio de informação e comunicação, com objetivo de refletir sobre análise em narrativas orais populares onde aparece uma fala peculiar do contexto em que o homem popular está inserido e, a partir dos termos culturais, representar o conhecimento através de uma linguagem de informação, a fim de ampliar um saber teórico, metodológico e prático. Esse saber está entre a terminologia, a representação do conhecimento e a cultura da sociedade para elaborar uma estrutura de classificação a fim de melhorar a recuperação da informação.

ABSTRACT

The work shows the understanding of the oral narrative and its importance as information and communication medium. It has as aim to carry out analysis in oral popular narratives where there appears a special speech of the context which this popular man is inserted and, from the cultural terms, to represent the knowledge through a language of information, in order to enlarge a theoretical, methodological and practice wise, enlarging the connections among the terminology, the representation of the knowledge and the culture of the society to prepare a structure of classification in order to improve the information retrieval

PALAVRAS – CHAVE

Narrativa oral; Representação do conhecimento; Terminologia cultural; Linguagem de informação; Amazônia paraense.



INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, o homem vem se comunicando com os outros homens, por meio da fala e da escrita mostrando a sua cultura. Dessa maneira de conceber a comunicação, McGarry (1999) observa que o ser humano comunica-se com o mundo por meio de regras adquiridas da cultura que, por sua vez, estão relacionadas com as crenças, habilidades, costumes, arte, moral e qualquer outra aptidão física ou intelectual adquirida pelo homem como membro da sociedade.

Nos primórdios da humanidade, a cultura era transmitida para as pessoas através da tradição oral, denominada de “oralidade primária”. A comunicação oral era importante nesta fase para a transmissão dos conhecimentos, em que eram utilizados os recursos do mito, da poesia, dos provérbios, das canções e lendas para sua memorização.

Até que a escrita se disseminasse inúmeras narrativas orais foram produzidas. Elas passaram a circular nas sociedades pré-históricas, estruturando-se a partir dos valores e categorias da visão de mundo dos seus principais grupos sociais. Essas narrativas continham informações relativas ao saber adquirido e organizado em milhares de anos de observação dos fenômenos naturais e humanos. As histórias eram contadas e recontadas procurando sempre não perder a informação original. Freire (2001, p.18) observa que “na narrativa mítica, se ocultam informações que descrevem e explicam fenômenos físicos e humanos, observados, descritos e registrados com a diversidade cultural própria da espécie humana”. Com o advento da escrita a comunicação oral é registrada e, sendo a informação, uma forma de comunicação de antiga origem, ela assume na modernidade um lugar de influência nos usos sociais dominantes da linguagem. A escrita, então, passa a ter a função não só de armazenar informações que possibilitam a comunicação através do tempo, como fornece ao homem a possibilidade de memorizar, registrar, reexaminar e retificar conteúdos e observar os significados.

É nesse sentido que vemos, através da informação, a importância do significado do termo para o entendimento do texto, quando o mesmo aparece nas histórias contadas por pessoas em seu contexto cultural. Daí a importância da linguagem de informação estudada por meio da terminologia, no âmbito de uma determinada cultura e de um determinado espaço.

Vários trabalhos já foram e estão sendo realizados, orientados pelo princípio de atender à necessidade de comunicação no plano do conhecimento. Com base nestes pressupostos, considera-se relevante a investigação acerca da representação do conhecimento a partir das narrativas orais.

O que se propõe neste trabalho é uma reflexão da análise da linguagem de informação por meio do estudo da terminologia cultural. O estudo é realizado no



projeto “A Representação Simbólica das Narrativas Populares da Amazônia Paraense como Linguagem de Informação” – RESNAPAP, da Faculdade de Biblioteconomia que surge das narrativas orais, recolhidas pelo projeto “O Imaginário nas Formas Narrativas Orais Populares da Amazônia Paraense” – IFNOPAP, do Instituto de Letras e Comunicação, sendo ambos os projetos da Universidade Federal do Pará – UFPA. Os termos retirados das narrativas formam a linguagem de informação a partir da classificação de acordo com o significado do contexto do texto, no universo de assunto da cultura amazônica, buscando um entendimento entre a teoria e a prática. No estudo da teoria e da prática está a estrutura de classificação elaborada mediante a coleta do termo cultural, como a unidade conceitual do sistema.

A NARRATIVA ORAL E A TERMINOLOGIA CULTURAL

As histórias, como mostra Leite (2004), apresentam fatos presenciados ou vividos por alguém que tinha a autoridade para narrar sua experiência ou conselhos a dar a seus ouvintes atentos. Assim, ouvir e narrar são indissociáveis e essa harmonização sustenta a autoridade testemunhal da experiência. Logo, a partilha da experiência de um tempo e de um mundo comum, permite a construção de um repertório de saberes ao mesmo tempo único e plural, semelhante a uma cidade que não foi planejada por um único arquiteto.

Ao produzir sua narrativa, o narrador sempre tem um propósito definido. Ele é uma espécie de conselheiro de seu ouvinte. O narrador, diz Benjamin, “é um homem que sabe dar conselhos”, alguém capaz de “fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada” (Benjamin, 1986, p.200). Esse autor, a exemplificar a narração dentro do “círculo do discurso vivo”, cita a do camponês sedentário que estabelece as ligaduras no tempo e a do marinheiro viajante que estabelece as ligaduras no espaço. Sob as corporações medievais, as duas figuras da narração são replicadas pelo mestre sedentário e o aprendiz migrante, associando o saber de terras distantes e o saber do passado, como a memória e a aprendizagem no tempo e espaço, dando a cada saber a autoridade conferida pela experiência do narrador e o seu devido valor no processo de comunicação.

Apesar do termo “cultura” ser usado para significar moral ou refinamento intelectual, é considerado, para este trabalho, uma forma prática de designar o modo de vida dos grupos humanos e suas atividades de vida. Assim, sendo a cultura criada por seres humanos depende de sistemas de signos e símbolos que precisa ser transmitida de uma geração a outra pelo meio que for necessário.

Levando esse entendimento para as narrativas populares, recolhidas em áreas da Amazônia paraense, elas retratam o espaço de rios e florestas e nos mostram através da linguagem, as tradições como os mitos, as lendas e a sua maneira de viver neste espaço Amazônico.



Dessa maneira, a terminologia, como área de conhecimento e de práticas, tem como principal objeto de estudo teórico e aplicado, os termos técnico-científicos, vinculando conceitos próprios de cada área do conhecimento. Como observam Krieger e Finato (2004), os termos atuam na investigação e promovem uma ampliação de saber teórico, metodológico e prático.

É de se notar que a terminologia é tão antiga quanto à linguagem humana. Desde os tempos mais remotos, o homem dá nome às coisas, aos animais, às plantas, às fontes naturais de alimentação e sobrevivência, aos instrumentos de trabalho, aos artefatos para a defesa pessoal, às peças do vestuário, em suma, a tudo que está à sua volta. Surgem, então, os dicionários e vocabulários nos quais os termos designam conceitos específicos de domínios especializados, ocupando lugar de destaque. Dessa maneira, o homem na sociedade precisa compreender os termos de uma determinada especialidade, como também os termos de um falar popular em épocas passadas, atuais e futuras, e em espaços culturais diferenciados. Assim, como ramo da terminologia, a socioterminologia enfatiza a importância das relações semânticas para um melhor entendimento do léxico e procura analisar do ponto de vista da prática lingüística e social como os homens as empregam (Gaudin, 1993). É, portanto, um ramo da terminologia que se propõe a refinar o conhecimento dos discursos especializados, científicos e técnicos, a auxiliar na planificação lingüística e a oferecer recursos sobre as circunstâncias da elaboração desses discursos ao explorar as ligações entre a terminologia e a sociedade.

No entanto, entre essas ligações da terminologia com a sociedade está, também, a cultura observada através da linguagem que, ao reunir esses termos chamamos de terminologia cultural. Assim, esse tipo de terminologia estuda o termo sob o prisma da cultura. Como observa Oliveira (2000, p. 95), “a cultura remete tanto para a realidade social do falante, como para o conhecimento das idéias e das crenças de um povo”. Nessa maneira de ver, o termo é concebido como a unidade lexical da linguagem natural. Ele representa o universo no qual o falante está inserido na relação

língua/imaginário/realidade, “causados por diversos elementos – tempo, espaço e situação sócio-cultural -, em que as palavras são unidades que medeiam a relação homem-mundo e mostram o saber de um falante para um ouvinte” (Oliveira, 2000, p.95).

Para entender essa relação, causada por diversos elementos, é importante conhecer o espaço em que a cultura é estudada, que no caso deste trabalho, é o espaço amazônico, onde existe o rio e a floresta, no qual o homem amazônico vive em profunda relação de harmonia com a natureza, o que gera produção de imaginário próprio de forma natural e gradativa. Simões (2006) ao analisar o pensamento de Bronislaw Baczko, em 1984 observa que as sociedades esboçam as suas identidades, objetivos e organizam o seu passado a partir do imaginário.

Assim, as inúmeras histórias orais, recolhidas pelo IFNOPAP, no espaço amazônico, mostram espaço de quem divide a vida entre a floresta e o rio, enquanto



transmigra para um mundo fantástico de seres encantados com os quais, divide seu espaço e experiência. Em algumas narrativas, são encontrados botos, homens, mulheres convivendo pacificamente. O boto é um ente mitológico que costuma aparecer em forma de homem ou de mulher. É um mamífero cetáceo dos rios da Amazônia e de outros rios do Brasil, pertencente à família Delphinidae, que segundo a lenda, transforma-se em belo homem vestido de branco, para seduzir as donzelas ribeirinhas. Simões (2006, p. 122), observa que contadores da região do Marajó (arquipélago que fica situado no norte do Brasil) falam que nas proximidades de Cachoeira de Ararí (um dos municípios do arquipélago do Marajó), “em plena baía, emerge, de tempos em tempos, uma ilha”. Essa ilha, de fauna e flora exuberantes, é guardada por um cavaleiro armado. [...]. Em seu estudo sobre as narrativas do Marajó, Simões (2006, p. 122-123) diz que:

È difícil não associar o cavaleiro que não se descobre, de Cachoeira de Ararí, com o Encoberto da literatura lusa, figura mítico/messiânica presente no imaginário português. E a ilha, tão plena de vida e abundância, emergida das águas da baía do Marajó, bem poderia ser uma réplica da “Ilha dos Amores”, do épico camoniano e de outros textos clássicos.

As histórias contadas em várias áreas da Amazônia paraense mostram o mito e aspectos da vida amazônica. O homem entre o rio e a floresta nos conta aspecto do seu cotidiano. E, a terminologia cultural está na linguagem utilizada pelo homem amazônico ao relatar sua história, enfocando o mito e as lendas. Os termos são retirados das histórias para serem definidos e registrados em uma ficha terminológica, adaptada dos estudos lingüísticos. Nesse entender, o termo passa a ter um significado de acordo com o contexto da história nas várias partes onde é estudado.

A REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO E SUA RELAÇÃO COM A LINGUAGEM DE INFORMAÇÃO

A organização do conhecimento é delineada como o processo de modelagem do conhecimento que visa a construção de representações. Esse processo tem por base a análise do conceito e de suas características para o estabelecimento da posição que cada conceito ocupa num determinado domínio, bem como das suas relações com os demais conceitos que compõem o sistema nocional. Isto nos aproxima tanto do pensamento de Vickery (2008) quando diz que organizar o conhecimento é reunir o que conhecemos



em uma estrutura sistematicamente organizada e com o de Dahlberg (1993, p.211) porque fundamenta a organização do conhecimento na teoria do conceito e define como “a ciência que estrutura e organiza sistematicamente unidades do conhecimento (conceitos) segundo seus elementos de conhecimento (características) inerentes e a aplicação desses conceitos e classes de conceitos ordenados a objetos/assuntos”. Para a autora a unidade do conhecimento como conceito é formada pela síntese das características necessárias que podem ser enunciadas sobre um referente e representada por significantes (termos e outros). Assim, ao ser proposta a representação do conhecimento levamos em conta o processo de modelagem do conhecimento. Existem diversos instrumentos terminológicos voltados para a organização e representação da informação, desde os mais simples, como os vocabulários controlados, até os mais sofisticados como as ontologias.

A organização e a representação da informação e do conhecimento devem considerar as condições de produção e uso da linguagem para a transferência da informação. A informação sendo considerada fragmentada e particular, com um fluxo de mensagens, tem um papel fundamental na área da ciência da informação, responsável pela organização e conservação da mesma, bem como pela viabilização a seu acesso. A linguagem, enquanto objeto de reflexão está voltada pelo tempo e espaço. Tal como na linguagem natural – LN, a linguagem de informação – LI correspondem a sistemas simbólicos instituídos que visam facilitar a comunicação e devem tornar possível a comunicação usuário-sistema. Embora o conceito não esteja ligado a línguas específicas, as noções são expressas por termos e símbolos, sendo influenciadas pelo contexto sócio-cultural.

Na língua estão acumulados os fatos que o tempo e as mudanças impõem ao homem, aparecendo no sistema lingüístico a dinâmica cultural e a tradição dos sinais das diferentes épocas no tempo e no espaço, a fim de serem observadas suas variadas formas de informação para a comunicação. (Oliveira, 2003, p. 247-248).

A linguagem de informação está relacionada a um tesouro como instrumento de controle terminológico, utilizado para representar conteúdos de documentos e solicitações de busca. Essa linguagem como controle terminológico, se expressa nos princípios que regulam as operações de representação, formando um conjunto de termos, utilizados para representar conteúdos de documentos com fins de classificação.

Na área da Ciência da Informação a representação do conhecimento é estudada de várias maneiras. Uma delas é a classificação como colaboração para a construção da linguagem de informação. A delimitação do universo de assunto é inerente para esse tipo de linguagem, pois sistematiza conceitos de uma área de assunto, sendo sistemas artificiais de signos normalizados com o objetivo de recuperar manualmente ou automaticamente a informação que o usuário solicita. Assim, com a elaboração da estrutura de classificação estamos contribuindo, também, para a preservação da



memória cultural da Amazônia paraense. O objetivo de uma estrutura de classificação, tal como de uma linguagem de informação, é representar o conhecimento de forma organizada para que se possa recuperar a informação com maior rapidez. No caso do termo, ele é um signo no qual o homem tentou representar a maneira mais aproximada do objeto que observou na realidade empírica.

Depois de se identificar a unidade classificatória (termo cultural) da narrativa trabalhada, um passo para estruturar o sistema de classificação é definir os termos e, a partir desta etapa, se pode conhecer as características do conceito, como principal elemento de ligação ou separação no momento da formação das classes ou categorias.

Ex: ARTE

DANÇA

TIPO DE DANÇA

BOI-BUMBÁ

CARIMBÓ

Há uma relação de subordinação que se dá entre os conceitos “Arte” e o conceito “Dança”, onde “Arte” é o conceito superordenado, também chamado de genérico, em relação à “Dança”, que é o conceito subordinado, também chamado específico. Mas quando eles estão no mesmo nível hierárquico, como é o caso dos conceitos “Boi-bumbá” e “Carimbó” são denominados de conceitos relacionados. É um processo que pode ser percebido nos tesouros, quando mostram as relações de um conceito com os outros mais próximos. Assim, Ranganathan (1967) ao criar o chamado Postulado das Categorias, determina que o primeiro passo da pessoa que vai classificar, para elaborar uma estrutura de classificação, é mapear o Universo de Assuntos. As idéias que chamou de Categorias Fundamentais, permitem recortar o Universo de Assunto em classes bastante abrangentes. No caso do estudo do projeto RESNAPAP, o universo denominado “cultura amazônica” foi recortado em Categorias de Assunto.

Dessa maneira, para que fosse possível chegar à elaboração da estrutura de classificação, formando a linguagem de informação para representar o conhecimento, alguns passos foram necessários:

- a) recolher as narrativas orais populares por área de municípios da Amazônia paraense e transcrevê-las. (Trabalho realizado pelo projeto IFNOPAP);
- a) selecionar as narrativas por área geográfica de município;
- c) ler as narrativas com o propósito de coletar o termo cultural mediante a identificação e análise do mesmo;
- d) registrar os termos em uma ficha terminológica contendo as seguintes informações: a) termo; b) categoria gramatical; c) gênero; e) sinonímia; f) categoria do termo; g) variante gráfica; h) fonte da



variante gráfica; i) variante geográfica; j) definição; k) fonte da definição (de onde se extraiu a definição); l) contexto da narrativa que se coletou o termo; m) narrativa; n) autor; o) remissiva.

No entanto, para o preenchimento dos termos nas fichas terminológicas, os mesmos deveriam obedecer à seguinte orientação:

- Para cada termo uma ficha, exceto quando fosse observado caso de polissemia. Esse fato ocorre porque, mesmo que o termo seja equivalente, possui um referente ou um conceito diferente. Assim, ambos poderiam ser englobados em classes ou categorias distintas.
- Os termos equivalentes devem ser controlados por meio dos campos como: sinonímia, variação gráfica ou variante geográfica (quando aparecerem oscilações no que diz respeito aos termos usados de diferentes maneiras, em regiões diferentes). É um fenômeno que vai auxiliar no relacionamento de equivalência na estrutura de classificação. Esta relação ocorre entre o termo preferido e o não-preferido, onde dois ou mais termos são considerados, para fins de indexação, como referentes do mesmo conceito, apesar da distinta grafia. As relações de equivalência, em um sistema de classificação, podem ser explicitadas pelos pontos de entrada “Use”, “Usado para”, “Ver”, “Ver também” e “Veja”.
- O campo da definição é preenchido de acordo com o contexto da narrativa, a menos que na narrativa o autor não deixe claro quanto ao conteúdo do termo. Quando o autor não deixava claro quanto ao conteúdo do termo, é necessário recorrer às obras lexicográficas como: dicionários, vocabulário terminológico, repertório de termos e outros.

A etapa da definição é de grande importância para se conhecer as características dos termos/conceitos, sendo possível fixar cada termo em suas posições apropriadas dentro da estrutura de classificação.

Quanto a etapa da classificação dos termos, inicialmente, criou-se o que Ranganathan (1967) chamou de Categorias Fundamentais. Foram criadas classes abrangentes que pudessem comportar grande número de subclasses e hierarquias subordinadas a classes maiores, para depois dar início ao processo das ramificações e das relações dos conceitos, ocorrendo o processo de formação dos renques e, posteriormente as relações de equivalência e de associação.

No momento das formações da estrutura percebeu-se que algumas características são fundamentais para a criação das classes e renques não incluídas na ficha como:

- a) O nome científico dos elementos da fauna e flora amazônica, pois servirão para a composição das remissivas;



- b) A família dos elementos da fauna e flora, visto que eles formam os renques no interior da categoria Biologia na estruturação do sistema de classificação;
- c) Na classe Mitologia (fantástico) obter informação se o termo é uma lenda, um mito, um conto ou um caso, pois essas características servirão como divisória;

Dessa maneira, ao mesmo tempo em que a estrutura de classificação está sendo elaborada, são identificados casos que possam melhorar a recuperação da informação. O registro das etimologias foi incluído no levantamento de dados nas fichas. Foi observado como importante conhecer a origem do termo. É por meio do estudo das etimologias que podemos conhecer a quantidade de termos de origem indígena retirados das histórias contadas na Amazônia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta reflexão de teoria e prática, a metodologia está presente para a organização e representação do conhecimento. Na mediação da comunicação entre a narrativa oral e a linguagem de informação, está a terminologia cultural como mediadora da informação e da comunicação em um encontro de muitos olhares.

No texto de narração podemos observar que a linguagem humana é uma fonte de várias interpretações e é concebida como sistemas de signos, inseparável do homem que dá forma a seus pensamentos e a seus sentimentos. Assim, podemos dizer que temos a linguagem, a informação, a comunicação, a terminologia e a cultura. A informação que nos aproxima do mundo em que vivemos através da linguagem; a comunicação que está relacionada com o entendimento da mensagem e a terminologia que vem facilitar a comunicação em relação à cultura do espaço amazônico.

A recolha de narrativas orais populares possibilitou elaborar a linguagem de informação por meio do estudo da terminologia cultural no tempo e no espaço, procurando investigar as formas do léxico e observar os termos de uso dos falantes, isto é, daqueles que contam as histórias e oferecem um discurso. As etapas levaram ao entendimento da linguagem de informação sobre a cultura amazônica para chegar em uma estrutura de classificação que possa facilitar a recuperação da informação em seus vários aspectos.

Na comparação entre a narrativa oral no tempo e no espaço, enquanto suportes de comunicação, foi importante termos o entendimento da veiculação do conhecimento, tanto nos processos narrativos na modalidade oral, quanto na importância de uma linguagem que possa facilitar a recuperação em sistemas de informações.



Através das narrativas e da representação do conhecimento está sendo possível conhecer a rica e fascinante cultura do povo amazônico, cheio de segredos e mistérios, onde os indivíduos, principalmente do espaço social rural, produzem um ambiente cultural peculiar. A relevância do estudo também está no sentido de que se leva em conta uma cultura presente na atualidade, num momento em que os homens ainda não se separaram da natureza.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DAHLBERG, I. *Knowledge organization: its scope and possibilities*. Knowledge Organization, v.20, n.4, p.211-222, 1993.

FREIRE, I. M. *A responsabilidade social da Ciência da Informação e/ou o olhar da consciência possível sobre o campo científico*. 2001. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) –Convenio CNPq/IBICT- UFRJ/ECO, 2001.

GAUDIN, F. *Pour une socioterminologie: Des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen, 1993.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004. 223p.

LEITE, Lúcia Chiappini. *O foco narrativo*. São Paulo: Editora Ática, 2004.

MCGARRY, Kevin. *O contexto dinâmico da informação*. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

OLIVEIRA, Maria Odaisa Espinheiro de. A terminologia cultural no discurso oral popular amazônico. In: SIMÕES, Maria do Socorro (Org.). *Memória e comunidade: entre o rio e a floresta*. Belém: UFPA, 2000. p. 93-102.

A linguagem de informação sobre o signo mito entre a mata e o rio no espaço amazônico. In: SIMÕES, Maria do Socorro (org.). *Sob o signo do Xingu*. Belém: UFPA/IFNOPAP, 2003. p. 245-261.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. *Prolegomena to library classification*. Bombay: Ásia Publishing House, 1967. 640p.

SIMÕES, Maria do Socorro. Imaginário e tradição em narrativas orais do Marajó. In: _____(Org).. *Revisitando o Marajó: um arquipélago sob a ótica da ciência, educação e biodiversidade*. Belém: EDUFPA, 2006 p. 119-128.

IX CONGRESS CONGRESO ISKO-SPAIN ISKO-ESPAÑA

Valencia 11th, 12th, 13th March 2009 11, 12 y 13 de Marzo de 2009

New Perspectives for the organisation and dissemination of knowledge Nuevas perspectivas para la difusión y organización del conocimiento



VICKERY, Brian. *On 'knowledge organization'*. Disponible em:
<http://www.lucis.me.uk/knowlorg.htm>. Acceso: em: 10.11.2008.